

Bancos querem reconquistar

A Banca angolana cresce num mar de dificuldades e a associação que a representa acaba de publicar um relatório em que reconhece a deterioração das carteiras de crédito, a alteração na composição dos activos, com o Estado a ganhar mais expressão, afirmando que os bancos estão determinados a alinhar pelas recomendações internacionais, para baixar o risco e relacionar-se com os correspondentes estrangeiros, retomando o acesso aos dólares



Luis Faria

Os bancos angolanos, através do último relatório da sua associação, relativo a 2015, reafirmam a capacidade do sector para lidar com uma situação económica menos favorável, mas vão avisando que a estrutura do activo conjunto se modificou, com o crescimento do peso dos títulos de dívida pública, e que as carteiras de crédito deterioraram-se, em resultado das circunstâncias negativas prevaletcentes.

É de registar ainda que a ABANC, Associação Angolana de Bancos, refira no seu completíssimo relatório, a que apetece chamar o 'relatório não confidencial', que se dispõe a manter um 'papel facilitador' em matéria de reforma tributária, não deixando de adiantar que 'a modernização dos códigos tributários vai continuar a ter um impacto ainda mais difícil de estimar nas instituições bancárias e no relaciona-

star acesso a dólares

mento destas com os seus clientes'.

A banca nacional sabe que a percepção de risco do sistema financeiro angolano é elevada e compromete-se, pelo seu lado, a melhorar os sistemas de 'prevenção e detecção precoce pelas instituições financeiras', a actuar na sensibilização da população e a reformular as relações de correspondência bancária. A ABANC crê que é 'expectável' um maior investimento na gestão de risco e 'compliance' (conformidade com as normas internacionais) no sentido de ir ao encontro das exigências regulamentares internacionais. O relatório fala mesmo no 'alinhamento integral com as boas práticas internacionais em face aos grandes desafios que se avizinham'. É que Angola foi abrangida pela política 'de-risking' (que tem como consequência afastar do acesso a bancos correspondentes bancos de países cujo sistema financeiro é con-

2015 comparativamente a 2014, acima da taxa de inflação homólogo

ga no período (14,3%), rondando os Kz 116 mil milhões.

O relatório da ABANC revela que 2015 trouxe à banca, para além da questão da observância das recomendações internacionais, com consequências sobre o nível de risco percepcionado e as relações com os bancos correspondentes, uma alteração significativa na composição dos seus activos e complicações ao nível do que continua a ser a sua actividade principal: conceder crédito.

A rentabilidade dos activos dos bancos cresce, o rácio de trans-formação de depósitos em crédito desce ligeiramente, com os depósitos a aumentarem 12,2%. O rácio entre o crédito concedido e o crédito total continuou a subir, contrariando a percentagem de 12,8% apontada pela ABANC em 2015 com os 2,6% verificados em 2011. As provisões dão um 'salto' de 98,5%, reflectindo a deterioração da cartei-

“A modernização dos códigos tributários vai continuar a ter um impacto ainda mais difícil de estimar nas instituições bancárias e no relacionamento destas com os seus clientes”

siderado de 'risco') assumida por alguns dos seus parceiros internacionais, e no âmbito da correspondência bancária em dólares americanos, reconhece o documento. O que teve como resultado o agravamento 'dos estrangimentos anível das transacções em dólares'.

O documento destaca a criação de três figuras no plano da resposta às recomendações internacionais: o Conselho Nacional de Estabilidade Financeira, o Fundo de Garantia de Depósitos e o Fundo de Resolução Bancária.

Em 2015, confirma-o a ABANC, sendo embora já um ano de crise, o sector bancário cresceu 17% em relação a 2014, ainda um ano de alguma estabilidade económica, embora já se fizesse sentir a tendência de queda do preço do petróleo.

A adaptação do sector bancário a circunstâncias mais adversas exprime-se no crescimento dos resultados agregados em 22,1% em

ra de crédito. Um dos desafios que a banca enfrenta, o da qualidade da carteira de crédito numa conjuntura marcada por estrangimentos à economia. De realçar ainda que, em 2015, o crédito concedido em moeda estrangeira, que vinha decaindo com a 'desdolarização', torna a aumentar face ao ano anterior.

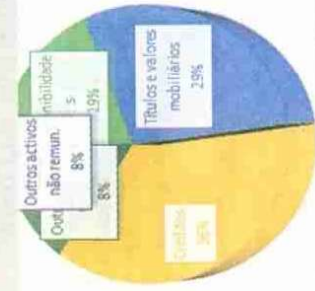
O relatório assinala com particular relevo a mudança de estrutura no total dos activos bancários, que registam um crescimento de 50,9% face ao ano anterior, somando Kz 2.163 mil milhões. Refira-se que em 2014 o crescimento desta parte do activo fora muito menor em 2014 e tem a ver com as necessidades de financiamento do Estado devido à quebra da receita petrolífera. Os bancos de grande dimensão, que concentram 65% do mercado, também absorvem 65% do total dos títulos de dívida pública em poder da banca nacional.

O ritmo do aumento do crédito concedido abrandou consideravelmente, com o comércio, a indústria transformadora e a construção a serem os sectores que mais contribuíram para o crescimento do crédito em 2015.

Mais crédito para o Governo

Foi a significativa expansão do crédito ao Governo, em mais de 40%, que explica a expansão dos activos internos líquidos da banca angolana. A ABANC salienta que a posição devedora do Governo Central aumentou 257%, devido ao facto de o aumento do crédito ao Governo ter sido superior ao aumento dos depósitos que o mesmo tem constituídos no sistema bancário (15%).

No que respeita ao crédito à economia o aumento em termos nominal esbate-se quando analisado por componente em moeda estrangeira e moeda nacional. É que, quando analisado em dólares a componente em moeda estrangeira apresenta uma contracção de 6% do crédito concedido nos doze meses de 2015, chegando mesmo a contrair-se nos primeiros seis meses do ano. Já o crédito em moeda nacional registou um crescimento efectivo de 7%.



Fonte: ABANC

“As provisões dão um ‘salto’ de 98,5%, reflectindo a deterioração da carteira de crédito”